

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Brasília, 28 de março a 1º de abril

Colóquio 6.45 Educação e Relações Étnico-Raciais e Multiculturais

Educação das relações étnico-raciais entre o pedagógico e o político

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

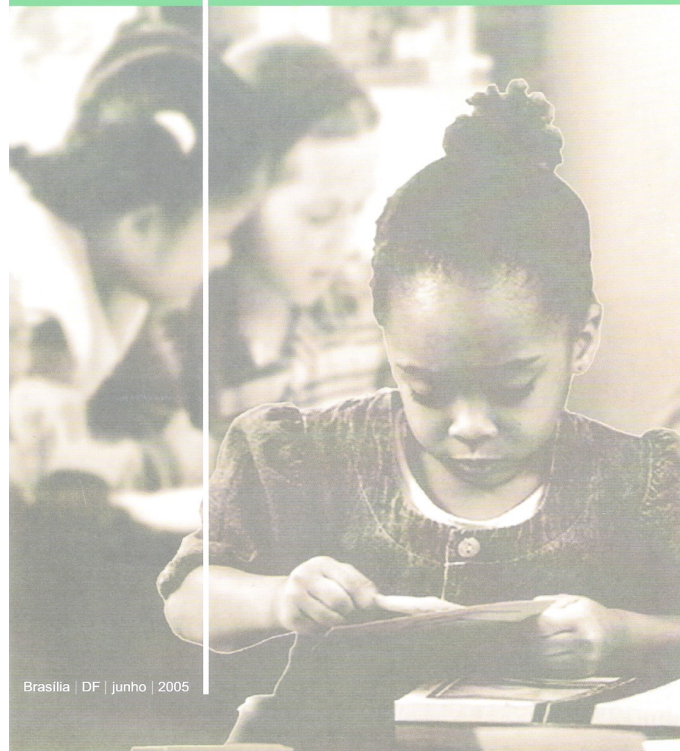
Educar-se, **segundo Tandika Mkandawire**

- exige esforço deliberado para, por meio de efetiva comunicação, colher conhecimentos, interpretá-los na perspectiva de quem os elaborou, a fim de com eles dialogar. Desta forma se aprende a ser cidadão(ã), comprometido(a) com projeto de sociedade em que, cada um(a), na sua peculiaridade, é construtor.

Os intelectuais negros

não esgotam seus discursos em falas ou textos, batalham para que suas proposições e ações tenham impacto na sociedade. Para tanto, contam com a colaboração também de não negros em luta por uma sociedade justa para todos. (Amilcar Cabral, Kwame Nkrumah, Joseph Kizerbo).

Diretrizes Curriculares Nacionais
para a Educação das Relações
Étnico-Raciais e para o Ensino
de História e Cultura Afro-Brasileira
e Africana



Brasília | DF | junho | 2005

Documentos legais

- Lei 10639/2003
- Parecer CNE/CP 3/2004 e Resolução CNE/CP 1/2004
- Lei 11645/2008
- Plano de Implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das
- Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana

Uma referência internacional

- **França:** Lei Taubira – Lei N° 2001-434 de 21 de maio de 2001 – reconhece o tráfico e a escravidão como crime contra a humanidade

A educação das relações étnico-raciais

- enquanto processo pedagógico visa criar abertura para compreensão de distintas maneiras de pessoas expressarem sua humanidade;
- enquanto processo político questiona a pretensão de que viveríamos numa sociedade monocultural, unificada por uma língua única, por uma só cultura a que todos os habitantes da nação deveriam convergir.

A educação das relações étnico-raciais

- é um espaço público, por isso mesmo político, que diz respeito a todos(as) cidadãos(ãs) brasileiros(as). Combate a violência das tentativas de assimilação a um pretendido pensamento universal, quebra o autoritarismo de um projeto de sociedade euro-centrado.
- Cria possibilidades para interações entre culturas, ao questionar hierarquizações e não admitir desqualificações.

- Neste sentido, um dos principais desafios de processos pedagógicos que visam a educação das relações étnico-raciais está em compreender as pessoas e os grupos sociais nas suas peculiaridades, que divergem do ser humano que se pretenderia universal, modelado com base em concepções eurocentristas.

- Para conhecer e compreender histórias e distintas formas de existência é preciso admitir que somente somos capazes de fazê-lo por intermédio e pelo reconhecimento de nossos corpos de mulheres e homens de diferente raça/cor - negra, branca, indígena, amarela -, deficientes, idosos, sadios, doentes, em busca de trabalho, privados de moradia, em privação de liberdade, entre outras tantas qualificações que lhes são atribuídas.

As crenças a respeito da inferioridade daqueles que são diferentes de “nós mesmos”, “as crenças racistas” repousam sobre mitos, sobre aparências enganosas que nossos medos, ao longo dos tempos, tentaram transformar em verdades impossíveis de demonstrar (Yvanoff, 2005 p. 7). É o corpo do outro deformado, seus costumes deformados que incitam ódio, medo, desprezo (p. 8), desejo de eliminá-lo, seja material, seja simbolicamente.

[1] YVANOFF, Xavier. *Antropologie du racisme; essai sur la genèse des mythes racistes*. Paris, L'Harmattan, 2005.

- Cria-se como que um medo da corporeidade do outro, uma corporeidade criada pela imaginação do que não se identifica com o corpo tido como o ideal.

Em encontros e desencontros, comparamos jeitos de ser e viver, apreciamos ou rejeitamos modos de pensar, descobrimo-nos iguais ou diferentes, confirmamos ou resignificamos valores e maneiras próprias de conceber e organizar a vida. Cada um, cada uma de nós se reconhece pessoa cidadã em face a face com as outras pessoas que interrogam nossas certezas, abrindo caminhos para novos significados, interrogações, atitudes, posturas.

- É por meio de corpo inteiro – o físico, a inteligência, as emoções, a espiritualidade, os conhecimentos, os preconceitos – que formulamos compreensões da vida e do mundo, necessariamente em confronto seja amistoso, acolhedor, cooperativo, seja rancoroso, invejoso, dominador com outros corpos.

- Cria-se como que um medo da corporeidade do outro; corporeidade esta criada pela imaginação dos que não se identificam com aquele corpo, pois tem em mente um corpo tido como o ideal.

- Hoje, já não é mais possível desconhecer a diversidade de corpos que constituem a sociedade brasileira.
- Por isso, a história e a cultura dos povos que constituem a nação brasileira são instrumento de promoção de combate a preconceitos e a discriminação, podem promover a igualdade racial (Plano Nacional de Implementação das Leis nº 10639/2003 e 11645/2008).

- Para alguns, *educação* são oportunidades para se tornar cada vez mais perfeitamente humano, para se construir cidadão participativo, justo, colaborador. Para outros, *educação* são possibilidades de aprender a construir estratégias com a finalidade de defender privilégios, ainda que isso prejudique a outros que não fazem parte do seu universo social.

- O sucesso de políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, cultura e da história” de todos os brasileiros – indígenas, descendentes de africanos, de asiáticos, de europeus – em suas especificidades, tais como, quilombolas, ciganos, caiçaras, ribeirinhos, entre outros, depende necessariamente de todos sentirem-se valorizados e apoiados para crescerem e se realizarem enquanto cidadãos atuantes.

- Educar as relações étnico-raciais, para a cidadania, para formação pessoal, profissional, exige conhecer a condição dos povos indígenas, dos descendentes de africanos, de asiáticos, de europeus. Não se trata, portanto, de reduzir a canções, comidas típicas, indumentárias, questões estruturais da sociedade.

- Além do mais, culturas são complexas e se constituem de e em intrincados significados, não podem, pois ser reduzidas a alguns de seus elementos, como comidas, adereços, vestimentas, danças, canções, lendas, jogos.

Cabe, neste ponto de nossas considerações, perguntar:

- Sou cego ao pertencimento étnico-racial dos outros? Ao meu pertencimento étnico-racial? Por quê?
- Cabe fazer estas perguntas, uma vez que indígenas, negros, pessoas empobrecidas, entre outros até então postos a margem, estão abrindo espaços intelectuais nas escolas, nas universidades, nos campos de pesquisa, nos debates políticos.
- Estão, eles, pois, abrindo, nos sistemas e estabelecimentos de ensino, referências teórico-práticas, formadas por diferentes epistemologias, originadas em suas diferentes culturas.

- A educação das relações étnico-raciais se processa em meio a perspectivas sócio-culturais, sócio-políticas distintas, no confronto de pontos de vista originários de diferentes raízes históricas e culturais.

Temos de ter presente que são os(as) brasileiros(as):

- negros(as,) descendentes dos africanos que para cá vieram escravizados e atuaram com seu trabalho, inteligência, resistência;
 - povos indígenas que se tentou dizimar,
 - ao lado de tantos outros discriminados(as),
- que têm feito a sociedade brasileira se descobrir multicultural, multirracial.